

elissa gabriela

amor e ação no mundo

a formação
teológica do
espaço público
em Hannah
Arendt e
Agostinho



© Editora Saber Criativo, 2019.

© Editora Recriar, 2019.

Primeira edição, setembro de 2019.

Impresso no Brasil.

Você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir esta obra, desde que cite o autor e não faça uso comercial.

www.editorasabercriativo.com.br

contato@editorasabercriativo.com.br

fb.com/sabercriativo

@sabercriativo

www.editorarecriar.com

faleconosco@editorarecriar.com

fb.com/editorarecriar

@editorarecriar

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO

Lissa Gabriela

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Regina Fernandes Sanches

Iago Freitas Gonçalves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S211a

Sanches, Elissa Gabriela Fernandes.

Amor e ação no mundo: a fundamentação teológica do espaço público em Hannah Arendt e Agostinho / Elissa Gabriela Fernandes Sanches. - Campinas: Saber Criativo; São Paulo: Recriar, 2019.

162 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-54925-26-0

1. Teologia Filosófica 2. Filosofia agostiniana
3. Hannah Arendt 4. Ética 5. Espaço público

CDD: 266

*Ela, ao andar se distrai,
nas pequenas experiências da vida.
Uma distração dessas, gostosa de sentir,
a faz lembrar das pessoas queridas.
A quem amou,
a quem amará
a quem continuará amando,
e das quais nunca se esquecerá.*

*“Ó meu Deus, sede Vós o árbitro entre as
minhas confissões e as suas contradições”*

AGOSTINHO

introdução ... 9

1. hannah arendt: intérprete de agostinho ... 23

influências filosóficas em *o conceito de amor em agostinho* ... 26

uma introdução à tese de hannah arendt ... 37

as críticas à tese ... 55

2. a estrutura do amor: amar é desejar (*appetitus*) ... 63

o conceito de desejo ... 66

o amante em direção ao medo: o problema da perda ... 73

caritas, cupiditas e a busca por autonomia ... 83

o amor verticalizado (*ordinata dilectio*) ... 100

3. a ética agostiniana como vínculo social ... 111

o amor como retorno: encontrando a Deus ... 116

o fundamento da vida em sociedade (*vita socialis*) ... 140

comentários finais ... 151

referências ... 157

introdução

“saí da alemanha dominada pela ideia, claro que um pouco exagerada: Nunca mais! Nunca mais vou me envolver em nenhum tipo de atividade intelectual” (ARENDR, 2008, p. 41), Arendt responde a Günter Gaus em sua entrevista publicada na revista *Zur Person* quando ele lhe pergunta se os eventos políticos de 1933 se tornaram também pessoais. Em referência ao esquema do *Gleichschaltung*¹

- 1 “A *Gleichschaltung* é um exemplo, desde os primeiros dias da ditadura nazista, deste uso da linguagem para manipular e confundir. [...] ‘Gleich’ significa igual, ‘Schaltung’ significa ligar, como em um interruptor elétrico; *Gleichschaltung*, portanto, significa ligar na mesma faixa ou comprimento de onda, ou, para colocar em uma palavra, alinhamento ou co-ordenação. Ela se tornou, em 1933, a palavra para o processo pelo qual todas as organizações e associações existentes na sociedade foram nazificadas e algumas, como os partidos políticos e os sindicatos, foram simplesmente suprimidas. A palavra era expressa para esconder o fato de que o que estava acontecendo era uma violação flagrante de todas as noções anteriores de liberdade, direitos civis e de um governo autônomo. Era uma maneira de encobrir a ameaça do terror e da violência [...]. As pessoas poderiam dizer que suas organizações tinham sido *gleichgeschaltet* (alinhada, coordenada), quando o que realmente aconteceu foi que ex-colegas, que se tornaram politicamente ou racialmente inconvenientes, tinham sido brutalmente expulsos e, muitas vezes, foram submetidos à violência física. A palavra *Gleichschaltung* tornou mais fácil para aqueles, a grande maioria, que tinham tolerado tal tratamento, para aplacar suas consciências” / “*Gleichschaltung* is an example from the early days of the Nazi dictatorship of this use of language to manipulate and confuse. [...] ‘Gleich’ means equal, ‘Schaltung’ means switch, as *in* an electrical switch; *Gleichschaltung* therefore

utilizado pelo partido nazista para estabelecer com legitimidade o novo governo, contribuindo para a nazificação da Alemanha, Arendt comenta que tal política afetou as próprias relações sociais e lhe causou profunda decepção com o meio intelectual. Neste novo ambiente, ela viu alguns de seus amigos simplesmente cederem ao que estava ocorrendo para manterem suas respectivas posições acadêmicas. Defensores do modo crítico de olhar o mundo, estavam aceitando serem aprisionados em vista de suas vaidades. Para ela, isto demonstrou a superficialidade do espaço acadêmico, que foi engolido pelo abismo entre teoria e prática. Pregar ideias e formar conceitos é muito fácil quando não se sente a necessidade de praticá-los. Porém, a entrevistada acrescenta em seguida que pesou todas estas experiências com maior cuidado ao longo dos anos de sua vida e, ao ser questionada se continuava pensando desta maneira, assumiu que não mais via o mundo intelectual de forma tão pessimista. Ainda assim, sua impressão de que “faz parte da essência de ser intelectual a pessoa inventar ideias a respeito de tudo” (ARENDR, 2008, p. 41) nunca desapareceu. Mais importante que isto, ela destacou o poder destas ideias em convencer as pessoas de verdades que não existem, provocando-lhes reações que, no caso da

means switching on to the same track or wavelength, or, to put it *in* one word, alignment or co-ordination. It became, *in* 1933, the word for the process by which all organisations and associations existing *in* society were nazified and some, such as the political parties and the trade unions, were simply suppressed. The word was meant to hide the fact that what was going on was *in* flagrant breach of all previous notions of freedom, civil rights and self-government. It was a way of glossing over the threat of terror and [...]. People could say that their organisations had been *gleichgeschaltet* (aligned, co-ordinated), when what had really happened was that former colleagues, who had become politically or racially inconvenient, had been brutally thrown out and often subjected to physical violence. The word *Gleichschaltung* made it easier for those, the vast majority, who had condoned such treatment, to salve their consciences” (FEUCHTWANGER, 2001; tradução nossa).

Alemanha nazista, contribuíram por fomentar o desenvolvimento da própria máquina totalitarista.

No entanto, podemos questionar se Arendt era ou não uma intelectual. É perceptível que sua impressão resulta de um confronto consigo mesma. Ela foi uma intelectual por muitos anos, participativa e integrada no círculo acadêmico durante seu período de estudos na Teologia, em seguida na Filosofia e, por fim, em seu doutorado. Relacionava-se com seus professores e colegas, e ainda que não se destacasse por qualquer natureza especialmente desenvolvida que a direcionava exclusivamente ao ambiente acadêmico², era conhecida por seus dotes intelectivos. Perspicaz, meticulosa, possuía uma mente afiada, era observadora e reflexiva. Estes são alguns dos adjetivos que lhe foram atribuídos desde sua infância³. São estes traços que ela deixou ascender à superfície de seus escritos, e não foi diferente em sua tese de doutorado, *O Conceito de Amor em Agostinho: um ensaio*

- 2 Como uma ambição inerente por cargos, ou um apreço pela vocação acadêmica, pelo ambiente intelectual e pela profissão docente. Hannah Arendt não possuía nenhuma destas ‘qualidades’ e, inclusive, afirmou na mesma entrevista com Gaus, que citamos no início deste capítulo, quando este a questiona se ela possui algum interesse em influenciar pessoas com suas reflexões: “Você pergunta sobre os efeitos de meu trabalho nos outros. Se me permite ser irônica, essa é uma pergunta masculina. *Os homens sempre querem ser influentes demais, mas eu considero isso um tanto superficial.* Se me imagino tendo influência? Não. *Eu quero é compreender.* E se os outros compreendem – no mesmo sentido em que compreendi –, isso me dá uma sensação de satisfação, é como se sentir em casa” (ARENDDT, 2008, p. 33; grifos nossos).
- 3 Sua mãe, Martha Arendt, anotou diversas observações sobre o temperamento e personalidade de Arendt em sua infância, bem como sua evolução. Laure Adler transcreve algumas delas: “Não vejo nenhum talento artístico e nenhuma habilidade manual: por outro lado, vejo uma precocidade intelectual e talvez uma capacidade particular, como por exemplo o senso de orientação, a memória e uma capacidade de observação afiada. Mas antes de tudo um enorme interesse pelas letras e os livros” (ARENDDT, 1911 *apud* ADLER, 2007, p. 22).

*de interpretação filosófica*⁴ (*Der Liebesbegriff bei Augustin: Versuch einer philosophischen Interpretation*, 1929).

Uma observação importante é: sua tese se distancia de um trabalho dissertativo, e tampouco possui uma rigidez bibliográfica, visto que se trata de um ensaio. A opção por este gênero literário permitiu a Arendt ser livre em sua argumentação, uma pretensão que foge um pouco dos moldes do intelectualismo acadêmico. Embora estivesse preocupada com a obtenção do diploma, sua interpretação de Agostinho possui uma forma peculiar, e ressalta um Agostinho amoldado, disforme, que se distancia de sua tradicional compreensão inteiramente dominada pelo viés teológico.

Desta forma, independente do primor impetuoso de sua análise e de seu olhar acadêmico-criativo sobre uma vida que continua instigando o pensar de toda uma humanidade há mais de mil e quinhentos anos, Arendt cumpriu aquilo que planejou: apresentar o amor ao próximo (*dilectio proximi*) agostiniano⁵. Indagamos, portanto, que Agostinho é este que Hannah Arendt nos apresenta em seu texto? De que modo ela o interpretou?

Ressaltamos que a filósofa deixou para suas gerações posteriores um trabalho que, apesar de ter sido ignorado por vários de seus estudiosos, possui a função primeira de perpetuar um interesse interrogativo que deveria ser compartilhado por todos nós: no final

4 O nome aqui citado é o mesmo título da obra original traduzida para português de Portugal. O substantivo alemão *Versuch* talvez seja melhor compreendido como “tentativa” e não como “ensaio”.

5 Julia Kristeva destaca o problema de Arendt, em sua tese sobre Agostinho, como sendo: “De fato, sua primeira peça de abstração, escrita puramente filosófica, busca a questão – no coração do vínculo transcendental do amor cristão – a ligação diversa que une as pessoas no mundo” / “Indeed, her first piece of abstract, purely philosophical writing seeks to question – at the heart of the transcendental bond of Christian love – the diverse bond that unites people in the world” (KRISTEVA, 1999, p. 31; tradução nossa).

das contas, qual é a importância do outro? Sendo um de nossos objetivos nesta dissertação expor este problema como o cerne do interesse de Arendt ao investigar a respeito do amor. Esta é uma indagação que está presente desde a forma como ela estrutura o seu trabalho até as críticas que lhe foram direcionadas, e que pode ser tratada como aquilo que origina o princípio ético agostiniano⁶.

O plano deste trabalho segue em contínuo diálogo com a estrutura da primeira edição da tese de doutorado de Hannah Arendt. À medida em que caminharmos em nossa análise do texto-base, perceberemos que a autora se envolveu em uma descrição bastante inspirada por duas específicas correntes filosóficas: a Fenomenologia, com Edmund Husserl, e a Filosofia da Existência, com Martin

- 6 Arnaldo do Espírito Santo, da Universidade de Lisboa, publicou uma palestra denominada *Imagens do Amor em Santo Agostinho*, em que explica, dentre outras coisas, qual a atitude de Agostinho perante a horizontalidade dos afetos humanos no respectivo contexto histórico-cultural do autor: “Numa sociedade fundada no relacionamento horizontal entre os indivíduos, regido por códigos morais exclusivamente humanos, sem um apelo à divindade, ética e ontologicamente fundamentado, a relação entre os indivíduos assenta na amizade. E é precisamente esta palavra que quase desaparece para dar lugar à predominância absoluta do *amor*. O que Agostinho faz realmente é situar-se no quadro dos valores que regem os impulsos afectivos do ser humano, como ser individual e social, para lhe conferir outro tipo de fundamentações que a não muito longo prazo vão alterar completamente a mentalidade dos indivíduos: a principal dessas fundamentações consistiu em acentuar o sentido da verticalidade no relacionamento horizontal” (ESPÍRITO SANTO, 2002, p. 103). É de suma relevância para a compreensão do princípio ético agostiniano (o amor) entender que ele não se estende somente por relações horizontais, mas tendo estas como ponto de partida, também se levanta em uma associação vertical, com Deus. Por isso a questão que Arendt estabelece como sendo o seu objeto de estudo, se respondida da perspectiva da filosofia agostiniana, a ideia do amor como o que funda a importância do próximo. Mas, simultaneamente, se este princípio for aplicado às categorias do bem e do mal, podemos refletir, a partir dele, sobre a moralidade.

Heidegger⁷. Ambos estudiosos foram professores da própria Hannah Arendt, influenciando-a diretamente.

Destacamos que o trabalho da autora se diferencia dos demais por tentar desenvolver, fenomenologicamente, a ideia das relações interpessoais, dispondo de conceitos intimamente vinculados às ações humanas, embora a autora esteja pouco interessada na qualidade das mesmas. Entretanto, o que é amar corretamente? Mais do que isso, qual o significado da caridade (*caritas*) e qual o significado da cobiça (*cupiditas*) em termos da existência humana? Como nosso envolvimento humano com o que está ao nosso redor pode refletir em boas ou más ações?

O problema maior de nossa investigação envolve um ponto crucial da ética agostiniana. Queremos ressaltar a ética agostiniana como sendo caracteristicamente comunitária, estando necessariamente atrelada não apenas ao indivíduo que age, mas ao indivíduo que age-em-conjunto. O amor não é um sentimento individual somente, mas coletivo também. Isto consiste em entender a dinâmica entre os três níveis fundamentais em que o amor deve estar presente de acordo com a ordem do amor (*ordinata dilectio*) proposta por Agostinho – a qual tem como base o mandamento cristão descrito em Mateus, capítulo 22, versículos 37 a 40: o amor a Deus, o amor

7 Marieke Borren afirma que: “Arendt é frequentemente categorizada como uma fenomenóloga e ela mesma de fato se situou, uma vez, como ‘um tipo de fenomenóloga, mas (...) não no modo de Hegel, ou Husserl’. Arendt, na realidade, nunca foi uma fenomenóloga no sentido estrito husserliano, embora através de seu treinamento filosófico ela foi completamente familiarizada com o trabalho de Karl Jaspers e Martin Heidegger” / “Arendt is quite frequently categorized as phenomenologist and she herself indeed once situated herself as ‘a sort of phenomenologist *in* the strict Husserlian sense, though through her philosophical training she was thoroughly familiar with the work of Karl Jaspers and Martin Heidegger” (BORREN, 2010, p. 17; tradução nossa). É necessário acentuar que ao escrever sua tese de doutorado, Arendt estava completamente imersa nas reflexões lançadas por Heidegger, Husserl e Jaspers.

a si e o amor ao próximo. Desse modo, a discussão que propomos realizar envolve três perguntas que serão as fontes de nossa reflexão constituindo o cerne deste trabalho: (i) o que é o amor e como ele se constitui? (ii) e de que modo este sentimento funciona, em Agostinho, como uma ética social⁸ a partir da interpretação oferecida por Arendt? (iii) é possível a fundação de uma vida comum (*vita socialis*) através do amor? A resposta a esta última pergunta coincidirá com nossa intenção inicial de apresentar a ética agostiniana como social também, afinal, se o amor for tratado como vínculo entre os indivíduos, isto é o que determinará a ação-em-conjunto ou sua função ética independe de sua função social?

Em um primeiro instante, este trabalho pode parecer estar orientado à uma discussão puramente teológica – tendo em vista a opção por não ignorar o jargão e conceitos da doutrina cristã os quais são mencionados, inclusive, por Arendt também. No entanto, a tese de doutorado de Arendt se pauta nesta ordem – do amor a Deus, a si e ao outro – para tentar encontrar, na contradição cristã – como amamos a Deus e ao próximo ao mesmo tempo? – uma forma de vivenciar o amor em um dos três níveis apresentados pela filosofia agostiniana. O intuito da autora em sua pesquisa foi, justamente, situando Agostinho como um filósofo apenas – ela rejeitou completamente a afirmação de que Agostinho era também um teólogo, opinião esta que será levantada no

8 É importante salientar que na problemática deste trabalho pretendemos entender as duas camadas da ética religiosa de Agostinho ao (i) investigar o princípio do amor como algo que fundamenta as ações humanas – e sem o qual somos capazes sequer de existir –, assim como (ii) adentrar na ética agostiniana ressaltando sua particularidade maior: é uma ética que se constrói a partir das relações humanas (do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com Deus), é uma ética social.

primeiro capítulo de nosso trabalho –, demonstrar em sua ética um caminho de amor ao outro (*dilectio proximi*)⁹.

O método utilizado se orienta à interpretação da tese de Arendt e, por intermédio dela, discutir a inter-atividade entre os três principais bens que devemos amar, segundo Agostinho. Estes três elementos são interdependentes entre si, isto é, o amor a Deus precisa refletir no amor ao próximo e amor a si, no entanto, não podemos amar nada no mundo sem visar a Deus como o fim último – seriam, portanto, o si e o próximo bens do amor? Não é possível nos afastarmos do mundo e nos guiarmos somente por nossa luz interior, em virtude de sua correlação com os outros, com aquilo que está ao nosso redor. Então, se estamos no mundo e fora dele ao mesmo tempo, que tipo de seres somos? Esta pergunta vai levar Agostinho ao dualismo platônico da divisão entre corpo e alma¹⁰. Somos, em carne, seres mundanos, mas, em alma, contemos em nós a imagem de Deus (*imago Dei*). Então, o amor se manifesta em qual das partes? Corpo ou alma? Hannah Arendt não adentrará nesta discussão com muita profundidade, já pressupondo que tanto

9 Arendt aponta diversas contradições no pensamento de Agostinho as quais são mantidas sob o silêncio da fé, ambiente este que a razão não é capaz de adentrar com muita intensidade. Sua proposta não envolve solucionar estas antíteses – o que implicaria em impor ao seu autor um tipo de ordem que não é própria de sua filosofia –, mas discuti-las.

10 Esta dualidade pode ser encontrada claramente na disputa entre vontades que Agostinho descreve em suas Confissões: “A alma manda ao corpo, e este imediatamente lhe obedece; a alma dá uma ordem a si mesma, e resiste!” (AGOSTINHO. *Confissões*, VIII, 9). Interessante observarmos que este mesmo problema foi apontado pelo apóstolo Paulo: “Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto. [...] Comprazo-me na lei de Deus segundo o *homem interior*, mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros” (BÍBLIA, Romanos, 7, 15 e 22-23; grifo nosso), o que indica a influência do apóstolo sobre as concepções agostinianas de vontade e liberdade.